

Fourth LWF International Hermeneutics Conference

Power of the Gospel: Developing Pauline Hermeneutics

24-29 September 2015 – Aarhus – Denmark

Criação e Reconciliação em 2 Coríntios 5

Impulsos a partir de Paulo e de Lutero

Roger Marcel Wanke¹

1 – Contemplação

O Evangelho é uma notícia bombástica! [Rm 1.16-17: δύναμις θεοῦ]. Ele anuncia ao mundo a reconciliação de Deus em Jesus Cristo. Essa reconciliação tem abrangência não apenas individual, para o ser humano, mas também coletiva, levando em conta toda a humanidade. E mais! Ela é uma reconciliação com dimensões cósmicas, porque inclui toda a realidade da criação². A teologia cristã conhece um início e um fim da história da humanidade. Para ela, o mundo não está entregue ao domínio das forças do mal. Mesmo tendo um fim, a história da humanidade não desemboca no nada, no caos. Se tudo que há é criação de Deus, como afirma a teologia cristã, então também Deus é o alvo a que tudo se encaminha³. Também a reconciliação é o alvo do agir de Deus em Jesus Cristo.

O tema a mim confiado para essa conferência trata da criação e da reconciliação em Paulo a partir de 2 Coríntios 5 e sua relação com a Reforma. Que texto fantástico! Minha primeira impressão foi de total *alegria*. Esse é um dos textos mais centrais do Novo Testamento. Por isso, iniciei esse ensaio afirmando que o Evangelho é uma notícia bombástica. Minha segunda impressão, porém, foi de total *angústia*. Não tive como não associar o tema com os problemas e sofrimentos globais, que vivemos hoje. O caso do menino sírio Aylan Schenu⁴, que morre na terra de Heródoto, berço da história, aponta claramente para o descaso humanitário e para a falta de reconciliação do ser humano com seu semelhante. No entanto, minha terceira impressão foi de *descoberta*. A tarefa de entender a relação entre criação e reconciliação não é tão simples assim. Paulo fala muito pouco de reconciliação em suas cartas, considerando inclusive, a discussão

¹ Dr. Roger Marcel Wanke é professor de Antigo Testamento e Hebraico Bíblico na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, em São Bento do Sul/SC, Brasil. Email: roger.wanke@flt.edu.br. Tem como linhas de pesquisa a interpretação bíblica em Lutero, especialmente a veterotestamentária, bem como o Livro de Jó e a Tradição Sapiencial.

² TURNER, Paul and the ministry of reconciliation, p.77.

³ BRAKEMEIER, Panorama, p. 117.

⁴ Aylan Schenu foi vítima de naufrágio, juntamente com sua mãe e irmão, ao tentarem atravessar o Mar Mediterrâneo com um bote de cinco metros de comprimento, vindos da Síria, de onde fugiam do terrorismo provocando pelo Estado Islâmico e pela guerra Civil, que dura nesse país há 4 anos. O menino foi achado morto na beira da praia na cidade de Bodrum [antiga Halicarnasso], na Turquia, no início do mês de setembro de 2015. Cf. artigo de Nathalia Watkins e Paula Pauli. Revista VEJA, edição 2442, Ano 48, nº36, 09 de setembro de 2015, p. 68-75.

das Deuteropaulinas. Lutero, por sua vez, fala menos ainda. Até onde pude pesquisar, Lutero não aborda de forma específica o texto de 2 Co 5 em nenhum de seus escritos. Apenas o seu Prefácio à Segunda Epístola aos Coríntios menciona em poucas linhas informações a respeito da estrutura e do conteúdo da carta⁵. Tudo indica que reconciliação para Lutero se define em seu conceito de justificação. Minha quarta impressão foi de *responsabilidade*. Tanto o apóstolo Paulo como o reformador Lutero são para nós impulsos fundamentais para agir e intervir em favor da criação e da reconciliação. Eles apontam em suas teologias para a centralidade da obra de Deus em Jesus Cristo, que reconciliando o indivíduo e o mundo, faz tudo novo e nos capacita a anunciar a reconciliação e a nova criação. Por fim, minha última impressão foi de total *esperança*. Ao ler 2 Coríntios 5, somos levados novamente à contemplação⁶. Em Jesus Cristo, a reconciliação e a nova criação são realidades já presentes. Por causa disso, há esperança para um mundo marcado por inimizade e conflitos. Isso nos desafia e nos impulsiona a sermos embaixadores em nome de Cristo e a rogar para que o mundo se reconcilie com Deus e consigo mesmo.

Esse ensaio é construído propositalmente de forma quiástica. Ele parte da contemplação e volta para ela, tornando-se assim sua moldura. Ver e Agir, dois capítulos que se colocam entre o centro e a moldura. Eles são duas ações necessárias, se a Igreja e a Teologia querem ser relevantes nesse mundo. Esses são dois momentos importantes, porém secundários na busca por uma hermenêutica que faça sentido em nossa discussão. Diferente do que se possa pensar, não se deve partir da análise da realidade e nem da práxis em favor da realidade. Antes, se faz necessário chegar ao ponto central, ou seja, à interpretação [Julgar] do texto de 2 Coríntios 5.

2 – Ver: Criação e Reconciliação diante da angústia em uma Era Pós-Cristã

A notícia bombástica da reconciliação de Deus em Jesus Cristo parece ter sido desativada, abafada. O mundo em que vivemos parece não ter rumo. A criação está em colapso. O ser humano vive em conflito. Nações e povos se distanciam cada vez mais um do outro. Creio que vivemos numa época muito parecida com a do apóstolo Paulo e a do reformador Martin Lutero. Dias apocalípticos marcam nossa sociedade. A falta de esperança, de paz e de justiça deixam a morte ser a única protagonista ileso na história da humanidade. Nunca estivemos tão avançados no que se refere à tecnologia e à ciência. Nunca estivemos tão avançados no que se refere a políticas públicas, a manifestos e

⁵ LUTERO, OSeI 8, p. 143-144 [WA DB 7, 138-139; LW 35, 380-383]. Entre os escritos de Lutero, encontramos apenas preleções sobre os textos de 1 Co 7 [WA 12,94-142; LW 28, 5-56; OSeI 5, 185-229] e de 1 Co 15 [WA 36, 478-696; LW 28, 59-213; OSeI 9, 287-423].

⁶ Entendo contemplação aqui em seu vasto campo semântico, que inclui ter visão. Interessante é que a palavra contemplação também é usada no contexto jurídico em uma expressão “*contemplatio domini*”, que significa “atuação em nome de outra pessoa”. Parece-me que essa expressão caracteriza, mesmo que oriunda do contexto jurídico, o que Paulo quer expressar em 2 Co 5.18-20, utilizando termos do contexto diplomático, político e social helênicos, como veremos a seguir.

a documentos, que garantam os direitos humanos e que promovam a paz e a justiça para um ser humano reconciliado consigo mesmo e com seu próximo.

Mas ao mesmo tempo, parece que a nossa tecnologia e a nossa ciência não dão conta de resolver os problemas. De que adianta tanto papel com posicionamentos, documentos e manifestos, se a impressão que dá é que eles não são cumpridos? A pobreza, a fome, as guerras, a violência são marcas não de agora em nosso mundo, mas se apresentam agora como paradoxos irracionais em uma sociedade que se diz capaz de resolver os seus problemas. O sofrimento do mundo e no mundo acusa a humanidade. Esse sofrimento acusa a Igreja e a Teologia cristã também. Estaríamos no limiar de uma nova época? Talvez eu seja um exagerado ao afirmar que a Pós-Modernidade já é coisa do passado, já que tudo é tão líquido, como diz o sociólogo polonês Zygmunt Bauman⁷. Nós já estamos começando a colher os frutos que ela tem deixado. Infelizmente, já podemos caracterizar nossa época como Pós-Cristã⁸. Enquanto isso, o mundo distanciado de Deus continua fazendo a pergunta: Onde está Deus? E afirmando: Deus está morto!⁹ Que resposta nós temos, como Igreja?

A concepção moderna de autonomia levou o ser humano à concepção pós-moderna de individualismo, mesmo que esse indivíduo viva atualmente em “tribos”. Recentemente Euler Westphal afirma que “na pós-modernidade a desumanização é tida como uma expressão de humanismo”¹⁰. A consequência é o abandono, a solidão e a depressão. Dietrich Bonhoeffer vai dizer que o ser humano precisa de comunhão. Ele tinha razão há mais de setenta anos atrás¹¹. Comunhão pressupõe reconciliação. Assim sendo, o tema tem implicações antropológicas. A antropologia hoje é uma das ciências mais desenvolvidas em nosso mundo¹². Mas por que, então o ser humano continua se fazendo a pergunta sobre si mesmo e parece não encontrar uma resposta? Nós estamos vivendo numa *aporia antropológica ad absurdum*. O ser humano quer resolver seus problemas cortando seus vínculos. Seus relacionamentos não são mais duradouros. É fácil *desconectar-se*. Ele tem se tornado um bem de consumo. A ciência moderna define o ser humano como útil e inútil, pleiteando sua independência da moralidade e de normas externas para poder controlar suas práticas científicas¹³. Não por último, essa aporia antropológica se manifesta assustadoramente, quando o ser humano é atingido pela rea-

⁷ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

⁸ Cf. WESTPHAL, Euler Renato. A pós-modernidade e as verdades universais: a desconstrução dos vínculos e a descoberta da alteridade. In: Nadja de Carvalho Lama e Taiza Mara Rauén (Orgs.). (Pro)Posições Culturais. Joinville: UNIVILLE, 2010, p. 11-31; VATTIMO, Gianni. Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

⁹ Desde Nietzsche [em O Anticristo], a morte de Deus foi proclamada e isso fundamenta na visão de vários autores hoje a cosmovisão pós-moderna. Euler Westphal ao interpretar Vattimo diz: “Segundo Vattimo, o primeiro pensador a decretar a morte de Deus é, ao mesmo tempo, o primeiro pensador a decretar a morte do humanismo. Assim, a pós-modernidade, além de ser pós-humana, também é pós-cristã e pós-histórica, porque rompe com a visão histórica do mundo, que é própria da tradição judaico-cristã”. Cf. WESTPHAL, Ciência e Bioética, p. 68.

¹⁰ WESTPHAL, A Pós-modernidade, p. 16.

¹¹ BONHOEFFER, Dietrich. Vida em Comunhão. 7.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

¹² Cf. KRÜHÖFFER, Der Mensch, p. 13.

¹³ Cf. WESTPHAL, Ciência e Bioética, p. 22-36, 82; WESTPHAL, Bioética, p.23-30; WESTPHAL, Oitavo Dia, 2004; BRAKEMEIER, O ser humano em busca de identidade, p. 129-171.

lidade do sofrimento¹⁴. Qual é a concepção antropológica que consegue sustentar o ser humano privado de todo o sentido de sua vida, de tudo o que era o conteúdo de sua existência e que, em situação de sofrimento, seja ele qual for, é confrontado com sua fragilidade e transitoriedade? Qual é a concepção antropológica que serve de amparo a esse ser humano, entranhado em seu sofrimento, e que o conduz para uma realidade para além do visível, para além de sua transitoriedade? Qual concepção antropológica dá ao ser humano as condições mínimas de ser o que é no mundo em que vive?

Eu não quero ser aqui negativo ao abordar esse tema. A breve descrição que faço talvez realmente um pouco exagerada, não quer ser um lamento, geralmente típico da América Latina. Mas quer nos ajudar a enxergar o nosso mundo para além dos nossos muros. No ano passado em Chicago, eu já abordei o tema tendo em vista uma visão mais global¹⁵. O sofrimento do ser humano é o mesmo em qualquer lugar do mundo. Conflitos, a falta de justiça, de esperança e paz são uma realidade nos quatro cantos do planeta. Não dá mais para ter essa visão dualista e parcial de um mundo dividido entre norte e sul, oriente e ocidente, ricos e pobres. Com isso, eu não quero negar os problemas locais e os contextos específicos. Mas a Teologia Cristã anuncia o Evangelho que vale para toda a humanidade. O Evangelho é a boa notícia que tem abrangência global. Nossa contribuição deve considerar o contexto global, no qual vivemos.

Por isso, eu quero ser propositivo. Porque o Evangelho é propositivo. A grande pergunta que temos, como cristãos e como Igreja, é como ser agentes de reconciliação num mundo hostil. Isso nos leva à constatação de que o tema tem implicações poimênicas. Esse pode ser o grande desafio da igreja, que eu quero aqui caracterizar, sem entrar em detalhes, como *disponibilidade poimênica da Igreja* num mundo marcado pelo sofrimento. Somos disponíveis? Brakemeier pergunta como acabar com os conflitos neste mundo e promover a reconciliação¹⁶. Ele apresenta três possibilidades, embora apenas uma seja o único meio eficaz de reconciliação. Para ele, buscar a reconciliação ignorando a ofensa e a inimizade ou mediante justa retribuição se apresentam como possibilidades totalmente ineficientes e contrárias ao Evangelho. “Pecado não se elimina mediante um ‘apagão’, ou seja, a supressão da memória” e, a retribuição não repara, mas causa nova ferida, clamando por vingança¹⁷. Pecado não se resolve socialmente, muito menos psicologicamente, porque pecado não é em sua essência um problema meramente social ou psicológico. Para Brakemeier, o único meio eficaz de reconciliar inimigos é o *perdão*, “que não retribui nem esquece, mas remove o que bloqueia a comunhão, e que implica um reinício”¹⁸. Pelo fato de Brakemeier fundamentar o que ele chama de doutrina da reconciliação no pecado humano, como o causador da inimizade entre o ser humano e Deus e o ser humano e o seu semelhante, o perdão se torna decisivo como promotor da reconciliação. Em sua disponibilidade poimênica a Igreja deve ser procla-

¹⁴ Cf. BRAKEMEIER, Sabedorias da fé, p.7-20.

¹⁵ WANKE, Text, Context and Tradition [Texto a ser publicado em 2015 pela Federação Luterana Mundial].

¹⁶ BRAKEMEIER, Panorama, p. 82-83.

¹⁷ BRAKEMEIER, Panorama, p. 82-83.

¹⁸ BRAKEMEIER, Panorama, p. 83.

madora do perdão. Esse perdão, somente a Teologia e a Igreja podem anunciar. Com isso, o tema tem a ver diretamente com a soteriologia. “Pecado afasta de Deus, aliena e cria inimizade entre os seres humanos. Portanto, reconciliação faz-se necessária em razão de um trágico conflito entre criatura e criador”¹⁹.

Nesse sentido, encontramos em 2 Coríntios 5 uma base bíblico-teológica sólida para fundamentar nossa teologia e contribuir de forma concreta diante do que contemplamos e vimos em nosso mundo. Nesse sentido, queremos agora nos concentrar na interpretação da perícopa de 2 Coríntios 5.17-21.

3 – Julgar: Descobertas bíblico-teológicas a partir de 2 Coríntios 5

Em seu prefácio à segunda Epístola aos Coríntios (1546)²⁰, Lutero apresenta uma comparação entre as duas epístolas enviadas por Paulo a essa comunidade. Na primeira epístola, diz Lutero, Paulo é bastante duro e censura a comunidade, aplicando *vinho amargo nas feridas*, assustando-os. Já em 2 Coríntios, Paulo se apresenta como um pregador confortador, aplicando também *óleo às feridas*. Lutero não menciona especificamente o conteúdo do texto de 2 Co 5, mas ao mencionar óleo às feridas, se deduz que ele se refira a todo o esforço de Paulo em se reconciliar com a comunidade de Corinto, com a qual está em crise.

Essa crise nas relações entre Paulo e os coríntios tem como causa o questionamento da legitimidade e da essência do ministério do apóstolo. Alguém da comunidade deve ter contestado Paulo, ou assumiu a liderança de um grupo que se opôs à sua autoridade [cf. 2.5-6]²¹. Mesmo tendo visitado a comunidade, para tentar resolver a situação, Paulo prefere retirar-se e escrever uma carta de apologia exortando os coríntios a reconciliar-se com ele [carta da apologia: 2.14-7.4]. Por isso, a carta como um todo, tem como tema principal a existência apostólica de Paulo²². Interessante é perceber, que Paulo se identifica com Jesus ao apontar para a glória (2 Co 3.7-4.6) e para o sofrimento (2 Co 4.7-5.10), que fazem parte do ministério apostólico. Por isso, para ele está claro que a realidade do crucificado e do ressurreto são marcas características paradoxais da exis-

¹⁹ BRAKEMEIER, Panorama, p. 82. Partindo de HÄRLE, Dogmatik, p. 322, Brakemeier distingue entre *reconciliação subjetiva*, que se refere ao perdão incondicional de Deus e entre *reconciliação objetiva*, que exige alguma forma de indenização. Ambas acontecem no evento de Jesus Cristo. Ele morre pelos pecados do ser humano para dar-lhe o perdão incondicional de Deus. O perdão dos pecados teve um preço. Cf. BRAKEMEIER, Panorama, p. 83-86.

²⁰ LUTERO, OSeI 8, p.143-144.

²¹ Sobre os adversários de Paulo em Corinto cf. KLAUCK, 2. Korintherbrief, p. 10-12. Para Comblin, Paulo foi atacado em duas frentes. Por um lado, ele tinha contatos insuficientes com a Palestina, o povo de Jesus e a vida humana de Jesus. Paulo só pregava o Cristo morto e ressuscitado, mas não parecia conhecer o Jesus terreno. Por outro lado, Paulo queria sustentar-se pelo trabalho realizado pelas suas próprias mãos. Por isso, Comblin afirma: “A crise não era crise de pessoas, mas crise de teologia. Havia duas teologias, duas concepções de missão, e finalmente duas concepções de cristianismo”. COMBLIN, Coríntios, p. 18.

²² SCHNELLE, Einleitung, p. 107.

tência apostólica. Isso significa a tensão entre fraqueza e força. Paulo se sabe chamado por Deus (2 Co 2.16; 3.5) para anunciar a palavra da reconciliação (2 Co 5.11-21). Sua convicção é que o ministério apostólico é parte da reconciliação trazida por Deus em Jesus Cristo. Se ele pode se considerar um embaixador da reconciliação, então aceitar a reconciliação com Deus é aceitar o ministério de Paulo. Para Comblin, Paulo recorre aqui à doutrina da reconciliação e a aplica de forma prática para dentro do seu relacionamento com a comunidade de Corinto. Ele afirma: “Da reconciliação com Deus tira-se a consequência da necessária reconciliação com Paulo. Reconciliar-se com Deus inclui reconciliar-se com Paulo”²³.

Apesar de tantos elogios a essa carta²⁴, atribuídos pela pesquisa exegética neotestamentária, 2 Coríntios também é marcada por diversos problemas literários. Já Semler (1725-1791) é da opinião de que essa carta na verdade é uma compilação de diversas partes distintas, escritas em momentos diferentes [Teilungshypothese]. Não cabe aqui entrar nessa discussão²⁵. As tendências da nova pesquisa, apresentadas recentemente por Udo Schnelle²⁶, continuam apontando para várias cartas distintas, que formariam a segunda epístola de Paulo aos Coríntios. O que nos interessa, porém, é saber em que medida o quinto capítulo é parte integrante da epístola e qual sua relevância teológica para a discussão a respeito do relacionamento entre criação e reconciliação em Paulo.

A despeito da discussão sobre seu surgimento, a carta pode ser dividida basicamente em cinco partes: **a)** Prólogo [1.1-11]; **b)** Paulo defende seu ministério [1.12-7.16]; **c)** A oferta para a comunidade de Jerusalém [8.1-9.15]; **d)** Paulo defende novamente o seu ministério [10.1-13.10]; **e)** Epílogo [13.11-13]. Na pesquisa é consenso que o bloco no qual a perícopes se encontra [2.14-7.4] é coesa e apresenta unidade literária. Queremos nos concentrar apenas nos v.17-21, pois são os principais dentro do contexto de 2 Co 5, que apresentam a relação entre criação e reconciliação.

3.1 Criação: Ser nova criatura em Cristo

Embora a Bíblia inicie e termine falando de criação e da nova criação, respectivamente, esse não é o seu tema principal. Como pode se ver, ela é apenas a moldura da Bíblia como um todo. Por isso, falar de uma Teologia da Criação, principalmente no Antigo Testamento, é, nas palavras de Gerhard von Rad, falar de sua importância como serva da História da Salvação²⁷. Contudo, exatamente por isso, é que podemos falar que a criação tem sua importância. Tanto a Bíblia judaica como a cristã inicia com a criação. Isso significa que ambas, a despeito de suas diferenças históricas e influências, se consideram dentro de um horizonte universal. Na Bíblia, confessar um Deus criador deve

²³ COMBLIN, Coríntios, p. 91-93.

²⁴ KLAUCK, 2. Korintherbrief, p.5. Para Klauck a segunda carta de Paulo aos Coríntios pertence ao clímax teológico do Novo Testamento.

²⁵ Sobre a discussão em torno da Teilungshypothese de 2 Coríntios cf. WOLFF, Der zweite Brief des Paulus na die Korinther, p. 1-3; SCHNELLE, Einleitung, p. 108-109; COMBLIN, Segunda epístola aos Coríntios, p. 13-18; KRUSE, II Coríntios: Introdução e Comentário, p.29-58.

²⁶ SCHNELLE, Einleitung, p. 96-104; 108-109.

²⁷ RAD, Gerhard von. Das theologische Problem des alttestamentlichen Schöpfungsglaubens. In: Gerhard von Rad. Gesammelte Studien zum Alten Testament, TB 8, München ²1958, 136-147.

ser entendido como consequência de sua confissão como redentor. No Antigo Testamento, por exemplo, elementos da criação são evocados principalmente em situações de crise²⁸. O uso de motivos de uma teologia da criação é entendido na pesquisa como “*motivos de confiança no lamento*” [Vertrauensmotiv in der Klage]²⁹. Deus intervém na criação e na história para salvar o ser humano³⁰.

Diferente do Antigo Testamento, o tema criação não ganha espaço tão proeminente no Novo Testamento. Isso não significa que seja irrelevante. Pelo contrário, todos os textos do Novo Testamento assumem inquestionavelmente, que o mundo é criação de Deus. O aspecto novo, no entanto, é que o Novo Testamento fala da criação como assunto relacionado à Cristologia [Jo 1.1-3; Cl 1.15-17; Hb 1.2]. Isso se torna evidente exatamente aqui no **v.17**. Paulo retoma nesse verso a concepção da nova criação da tradição profética, principalmente oriunda da escola de Isaías [cf. Is 65.17; 66.22] e da tradição apocalíptica. A dimensão cósmica de um novo céu e de uma nova terra é apresentada agora na realidade individual. A nova criatura para Paulo se define no *estar em Cristo*, ou seja, ela está ancorada na morte e na ressurreição de Cristo. Dentro do contexto da carta, o conceito de nova criatura está diretamente relacionado com a nova aliança [3.6], com a renovação diária do homem interior [4.16] e com a dimensão da imagem de Cristo, que reflete a glória de Deus [4.4]. Nesse contexto, a nova criatura que está em Cristo tem sua própria imagem, que havia sido perdida pelo pecado, restaurada. Esse poder criador de Deus se manifesta em nós [4.6], pois assim como Deus disse: “haja luz”, Ele próprio faz resplandecer sua glória em nós por meio de Cristo.

3.2 Reconciliação: Ser reconciliado por meio de Cristo

Diferente do que geralmente pensamos, a concepção de reconciliação é pouco encontrada no Novo Testamento. Nas cartas consideradas autênticas de Paulo, apenas em duas passagens encontramos o agir salvífico de Deus em Jesus Cristo descrito como *reconciliação*: 2 Co 5.18-20 e Rm 5.10-11. Já no contexto das Deuteropaulinas, o conceito paulino de reconciliação aparece em Cl 1.20-22 e Ef 2.16³¹. Duas coisas chamam a atenção neste texto. A primeira é o fato de Paulo não usar aqui termos religiosos para seu conceito de reconciliação, mas sim oriundos do contexto helenístico da diplomacia³². O substantivo [καταλλαγῆ] e o verbo [καταλλάσσω] são usados no contexto helênico para falar do término de inimizade entre pessoas ou nações. Embora essa terminologia usada por Paulo não tenha origem religiosa, toda a sua argumentação aponta para o aspecto

²⁸ BOECKER, Das Lob des Schöpfers, p. 22-24. Cf. também KEEL, O / SCHROER, S. Schöpfung: biblische Theologien im Kontext altorientalischer Religionen, Göttingen, 2002.

²⁹ KAISER, O. Der Gott des Alten Testaments, p. 210ss.

³⁰ Principalmente o Deutero-Isaias e o livro de Salmos apontam para essa questão. Já o livro de Jó, faz uso invertido da teologia da criação. Cf. WANKE, Praesentia Dei, p. 217-231: “Die Beschreibung der Macht Gottes in der Schöpfung dient als Rahmen für die Verzweiflung Hiobs. Gott ist Hiob durch seinen Zorn so nah und so zur Bedrohung geworden, dass er sich von Hiob entfernt und entfremdet hat. Hiob hat keinen Rettergott gefunden und der Schöpfergott will ihn als zorniger Gott zerstören“ [p. 231].

³¹ DUNN, Theology, p. 228-229; HOFIUS, Paulusstudien, p. 1.

³² Na pesquisa há uma longa discussão sobre o pano de fundo da história da tradição da concepção de reconciliação de Paulo. Sobre isso cf. HOFIUS, Paulusstudien, p. 9-14; WOLFF, Korinther, p. 133-137; MARTIN, 2 Corinthians, p. 146-147.

religioso. Paulo relaciona a reconciliação de Deus com termos da reconciliação humana. Mas a fundamentação é totalmente teológica. Por isso, concordo com Hofius, que entende a concepção de reconciliação de Paulo tendo muito mais origem em sua tradição bíblica veterotestamentária, principalmente ancorada em Is 53³³. A outra questão interessante nesse texto é o pano de fundo escatológico que fundamenta a discussão de Paulo desde o início do capítulo 5. A ressurreição dos mortos é tema central nas duas cartas de Paulo aos Coríntios [cf. 1 Co 15 e 2 Co 5]. Ela fundamenta tanto a nova criação como a reconciliação do ser humano. Tanto o ministério de Paulo como seu relacionamento com a comunidade de Corinto é visto por ele à luz da ressurreição e do juízo de Deus [cf. 1 Co 15.56-57; 2 Co 5.11-21]. Vejamos agora brevemente alguns aspectos dos vv.18-21, para compreendermos melhor a concepção de Paulo a cerca da reconciliação.

No v.17, como vimos, Paulo fundamenta a sua concepção de reconciliação a partir da nova realidade escatológica do crente como nova criatura em Cristo [ὥστε εἴ τις ἐν Χριστῷ, καινὴ κτίσις]. Agora no **v.18**, ele apresenta como essa reconciliação acontece. Para Schnelle, Paulo desenvolve sua concepção de reconciliação tanto de forma teológica, como cristológica. Para ele, “*tudo provém de Deus*” [τὰ δὲ πάντα ἐκ τοῦ θεοῦ] e a reconciliação acontece “*por meio de Cristo*” [διὰ Χριστοῦ]³⁴. O perdão do pecado e a reconciliação é iniciativa de Deus através de seu agir em Cristo. A nova existência do ser humano em Cristo e reconciliado por meio de Cristo é obra e dádiva de Deus³⁵. Em Rm 5.10, o ser humano, alvo da reconciliação de Deus, é chamado por Paulo de inimigo de Deus [ἐχθρός]. Essa expressão, segundo Hofius, caracteriza junto com outros termos paralelos, tais como ímpio [v.6] e pecador [v.8] uma ação ativa do ser humano de se rebelar contra Deus e de quebrar seu relacionamento com Deus³⁶.

Enquanto Paulo no v.18 destaca o aspecto pessoal e individual da reconciliação, no **v.19** ele vai ampliar a sua abrangência. Deus reconciliou por meio de Cristo o mundo [κόσμον καταλλάσσων ἑαυτῷ]. Comblin afirma que: “A nossa reconciliação é parte de uma reconciliação geral que envolve o mundo inteiro. O mundo é a totalidade dos seres implicados no relacionamento entre Deus e a humanidade”³⁷. É consenso na pesquisa o paralelismo existente entre os vv.18 e v.19³⁸. Com isso, fica evidente que Paulo não tem em mente apenas a reconciliação do ser humano, mas a partir da queda do ser humano [Gn 3] fala de uma nova criação em Cristo como algo que inclui o universo como um todo. Se “tudo provém de Deus”, então “todas as coisas” estão no processo de ser reconciliadas através da cruz de Cristo.

No **v.20** Paulo concretiza sua concepção de reconciliação, retomando o que já havia dito no v.18 acerca do ministério da reconciliação [τὴν διακονίαν τῆς καταλλάξεως]. Ser uma καινὴ κτίσις ἐν Χριστῷ significa ser por meio dele restaurado da velha

³³ HOFIUS, Paulusstudien, p. 11-14. Cf. WALTER, Alttestamentliche Bezüge, p. 246-271.

³⁴ SCHNELLE, Theologie, p. 231.

³⁵ HOFIUS, Paulusstudien, p. 2.

³⁶ HOFIUS, Paulusstudien, p. 4.

³⁷ COMBLIN, Segunda Epístola aos Coríntios, p. 92.

³⁸ TURNER, Paul and the ministry of reconciliation, p. 84-85.

criação, arruinada por meio da queda de Adão. Para Schnelle, Deus funda no ato da reconciliação o ofício da reconciliação [Amt der Versöhnung]: “O ato da reconciliação na cruz possibilita o anúncio da mensagem da reconciliação. Ao mesmo tempo acontece nesse anúncio a reconciliação com Deus, na Palavra está presente o evento salvífico”³⁹. Schnelle entende assim, que Paulo relaciona a Palavra de Deus na cruz com a palavra apostólica da reconciliação⁴⁰. Paulo, dessa forma, se apresenta como embaixador de Cristo. Ser embaixador de Cristo é a consequência lógica e prática de ser nova criatura em Cristo e reconciliada por ele.

Por fim, Paulo fundamenta mais uma vez teologicamente no **v.21** a forma como a reconciliação promovida por Deus em Cristo acontece: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”. Paulo alude mais uma vez aqui à imagem do Servo Sofredor de Isaías 53⁴¹, ao descrever Jesus Cristo como *aquele que não conheceu pecado*. Paulo apresenta aqui mais um paralelismo em sua argumentação: Deus fez Jesus Cristo pecado e nos fez justiça de Deus. Paulo, com isso, afirma que Deus inverte a lógica retributiva da reconciliação. O preço que nós deveríamos pagar, Jesus paga em nosso lugar [cf. Rm 3.21-26; Fp 3.7-9; Is 53.4-6,12].

3.3 A relação entre Criação e Reconciliação: Deus estava em Cristo

Como podemos ver, para Paulo criação e reconciliação não são temas desconexos. Eles são distintos, mas relacionados e fundamentados na Cristologia. *Estar em Cristo* é uma realidade tanto da nova criação como da reconciliação. Porque Deus estava em Cristo reconciliado consigo mesmo o mundo e o ser humano [v.18], todo aquele que estiver em Cristo é nova criatura [v.17]. Assim, o *estar em Cristo* de Deus é determinante para o *estar em Cristo* do ser humano. Para Niebuhr, “a mensagem da morte e da ressurreição de Jesus é o chamado de Deus para aceitar a reconciliação. Dessa forma, os crentes participam na consumação da criação (5.17)”⁴².

Udo Schnelle apresenta uma breve comparação entre 2 Co 5 e Rm 5 apontando para quatro definições paulinas para a reconciliação em sua relação também com a nova criação⁴³. Em *primeiro lugar*, Schnelle diz que a reconciliação é um ato unicamente de Deus. Deus é tanto o sujeito como o objeto da reconciliação. Em *segundo lugar*, a reconciliação é um evento de paz universal, pois não se restringe apenas ao judeu ou ao cristão, mas alcança toda a humanidade no âmbito da criação. Em *terceiro lugar*, reconciliação acontece de forma concreta na aceitação da mensagem de reconciliação do Evangelho. E *por fim*, Schnelle destaca que essa aceitação transforma o ser humano como um todo. Por isso, ele pode ser uma nova criatura. Essas quatro considerações de Sch-

³⁹ SCHNELLE, Einleitung, p. 107: “Die Versöhnungstat am Kreuz ermöglicht die Verkündigung der Versöhnungsbotschaft, zugleich ereignet sich in dieser Verkündigung die Versöhnung mit Gott, im Wort ist das Heilsgeschehen präsent“.

⁴⁰ SCHNELLE, Einleitung, p.107.

⁴¹ Esse diálogo intertextual de Paulo aqui com Isaías 53 é identificado por vários exegetas. Cf. KRUSE, II Coríntios, p. 137-138; MARTIN, 2 Corinthians, p.157;

⁴² NIEBUHR, Grundinformation, 2008, p. 235.

⁴³ SCHNELLE, Theologie, p. 232.

nelle ajudam a entender de que forma a relação entre criação e reconciliação acontece em Paulo. É interessante perceber na pesquisa sobre a perícopes em estudo, que os vários exegetas, oriundos da tradição protestante⁴⁴, interpretam o conceito de reconciliação de Paulo em sua relação com a criação, fazendo uso da formulação de Lutero da “Troca maravilhosa”⁴⁵. Jesus assume o pecado e o pecador recebe a justiça de Deus.

Nesse sentido, vale lembrar que Lutero, em sua preleção de Gênesis⁴⁶ interpreta a criação sempre relacionada com a reconciliação. Para Lutero, ser criado à imagem e semelhança de Deus está relacionado à justiça de Deus, ou seja, à completa comunhão com Deus e à completa obediência a Deus, para as quais o ser humano foi criado⁴⁷. Interessante, contudo, é perceber que Lutero mescla a realidade do pecado e a necessidade da reconciliação e justificação do ser humano já na sua interpretação de Gn 1 e 2, ou seja, antes do relato bíblico da queda do ser humano. Ele aborda ao interpretar Gn 1.26-27 o fato do ser humano ter perdido essa justiça de Deus, caracterizada pela imagem de Deus, por meio do pecado. Ao mesmo tempo em que ele afirma que essa imagem de Deus no ser humano é totalmente corrompida pelo pecado original, ele afirma categoricamente que:

“O Evangelho, todavia, faz com essa imagem seja restaurada em nós; sem dúvida, uma imagem melhor, pois nela renascemos para a vida eterna, ou melhor, para a esperança da vida eterna, pela fé, para que vivamos em e com Deus e sejamos um com ele, como diz Cristo. Mas não renascemos somente para a vida, mas também para a justiça, pois a fé apropria-se do mérito de Cristo e estabelece que fomos libertados pela morte de Cristo”⁴⁸.

Para Lutero, está claro que o pecado, o afastar-se de Deus, que tem como fundamento, a transgressão do mandamento divino [Gn 2.17], leva o ser humano à destruição da vida espiritual, considerada por ele como justiça de Deus no ser humano, na qual a fé e a confiança em Deus são substituídas por inimizade contra Deus, confiança em si mesmo e inimizade contra o próprio ser humano⁴⁹.

4 – Agir: A Igreja e a Teologia responsáveis por um mundo novo e reconciliado

Em um mundo marcado pela autonomia e pela autossuficiência do ser humano, falar da relação entre criação e reconciliação é de certa forma, tirar dele o seu papel de protagonista neste mundo. Como vimos, tanto a criação quanto a reconciliação são, bíblica e teologicamente falando, obras de Deus em favor do ser humano. O ser humano, em todos os tempos e épocas, e principalmente na pós-modernidade, acostumado a ser

⁴⁴ Cf. HOFIUS, Paulusstudien, p. 5;

⁴⁵ WA 31/II, 435, 11; 40/I, 443, 23. Cf. WATSON, Um Gottes Gottheit, p. 141-166.

⁴⁶ WA 42-44. LUTERO, OSel 12, 2014.

⁴⁷ LUTERO, OSel 12, p. 97-109. Cf. HÄGGLUNG, Luthers Anthropologie, p. 70-71; WANKE, Antropologia em Lutero [a ser publicado em 2016].

⁴⁸ LUTERO, OSel 12, p. 105.

⁴⁹ LUTERO, OSel 12, p. 134-135.

sujeito e protagonista de suas ações e de se vangloriar delas, esbarra na sua impotência diante de temas como criação e reconciliação. Também a Igreja deve sempre se lembrar, que não é ela quem reconcilia o mundo. No entanto, é verdade, para ser justo, que o ser humano também aparece como criativo e cocriador e também pode ser agente de reconciliação nos relacionamentos interpessoais. Mas o que ele geralmente se esquece, é que isso é apenas fruto do agir de Deus nele, em primeiro lugar. Essa é a grande descoberta que podemos fazer em relação ao texto de 2 Co 5.17-21. Deus é o sujeito da criação e da reconciliação. Mas ele chama a Igreja para em nome dele anunciar isso ao mundo.

Isso tudo tem implicações bem concretas para a atuação da Igreja em nosso contexto global. **Reconciliação se torna a tarefa permanente da Igreja no mundo.** A partir do Novo Testamento, a Igreja cristã deve sua existência não a si mesma e não existe para si mesma. Ela tem uma tarefa definida pelo seu Senhor: anunciar a palavra da reconciliação. Esta palavra compreende também o chamado à fé, não como ordem, mas no *modus* de súplica. A tarefa de reconciliação da igreja pode ser definida a partir de 2 Co em duas frentes: Uma tarefa homilético-missionária e outra diaconal. Essas duas tarefas não se excluem, mas se complementam, pois a palavra da reconciliação [λόγος τῆς καταλλαγῆς] e o ministério da reconciliação [διακονία τῆς καταλλαγῆς] pertencem ao mesmo e definitivo agir salvífico de Deus em Cristo em favor do ser humano e, por consequência, ao mundo.

Somente a Igreja tem uma mensagem, que leva o ser humano para além da realidade do sofrimento e da morte, ao anunciar a reconciliação a partir da morte de Jesus e a nova criação, por meio da sua ressurreição. Paulo viveu a partir da perspectiva da eternidade e ensinou suas comunidades a fazer o mesmo. Quem vive a partir da eternidade pode se engajar em favor do mundo. Ralph Martin entende que Paulo, ao dizer que Deus tem lhe dado o ministério da reconciliação, o faz em pregador da paz⁵⁰. Quem tem a tarefa de anunciar perdão, tem o dever de denunciar o pecado. Lutero vai afirmar em sua interpretação de Gn 3, “que quanto mais se ameniza o pecado, tanto mais se desvaloriza a graça”⁵¹. Por isso, pecado, como sabemos, é muito mais do que algo social, moral ou uma escolha errada que se faz. A Igreja Luterana é conhecida no mundo todo como a Igreja da Palavra. Essa Palavra é Palavra de perdão, de reconciliação, que promove a nova criação em Cristo. Essa pregação deve encontrar eco nas situações concretas do ser humano. Para Comblin, “o evangelho está longe de se esquecer da realidade concreta dos homens”⁵². A proclamação do Evangelho é sempre serviço ao ser humano e ao mundo. Se a Reforma Luterana é para ter qualquer significado e contribuição para o mundo, é aqui nas palavras de Paulo em 2 Coríntios 5, que ela encontra sua fundamentação e sua força.

⁵⁰ MARTIN, 2 Corinthians, p. 155.

⁵¹ LUTERO, OSel 12, p. 166.

⁵² COMBLIN, Coríntios, p. 27.

5 – Contemplação: Esperança diante da Cruz

Estamos reunidos pela quarta vez para discutirmos a hermenêutica bíblica de Lutero e sua relevância para um contexto global, desta vez a partir de Paulo. O fio vermelho de nossas discussões, desde Nairobi, Eisenach, Chicago e também aqui em Aarhus, poderia, a meu ver, ser resumido como *hermenêutica da cruz*. Teologia Luterana é essencialmente Teologia da Cruz. Se ela é teologia da cruz, sua hermenêutica não poderia ter outro ponto de partida, nem outro ponto de chegada. Lutero nos ensina não apenas a interpretar o texto bíblico a partir da cruz, mas também a realidade na qual vivemos. Por isso, a teologia luterana tem resposta para o mundo. Ela está firmada na palavra da reconciliação e no ministério da reconciliação, que partem da cruz e levam o ser humano aos pés da cruz, para que possa ser em Cristo uma nova criatura, por meio de sua ressurreição. Não apenas sua teologia é Teologia da Cruz. Também sua antropologia é Antropologia da Cruz.

Por isso, falar da relação entre criação e reconciliação é falar da esperança que o ser humano e esse mundo têm diante de Deus, o seu criador e redentor. Isso se torna claro nas palavras de Jacqueline A. Bussie: “A palavra cristã de esperança no século 21 leva o sofrimento e a injustiça tão a sério quanto leva a redenção [...] Lutero nos dá os recursos teológicos para não nos esquivarmos desse paradoxo, mas sim confrontar com a necessária honestidade teológica a tensão vivida que é introduzida pela contrarrazionalidade da esperança”⁵³.

Diante do antagonismo que vivemos nesse mundo, que nos faz questionar pela presença criadora, reconciliadora e salvadora de Deus, anunciar que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo é realmente o poder do Evangelho. Lutero nos deixa esse legado:

“Sem dúvida, assim como Deus se alegrou com essa decisão e ter criado o ser humano, ele hoje, também se alegra em restaurar essa obra através do seu Filho e nosso libertador Cristo. É consolador poder refletir sobre essas coisas e saber que deus pensa o melhor a nosso respeito e se alegra com sua intenção e decisão de restaurar a vida espiritual mediante a ressurreição dos mortos daqueles que creram em Cristo”⁵⁴.

Por isso, “se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas [...] A saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo [...] De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo [...] Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus!” [1 Co 5.17-20].

⁵³ BUSSIE, A esperança de Lutero para o mundo, p. 147.

⁵⁴ LUTERO, OSel 12, p. 109.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BOECKER, H.J. **Das Lob des Schöpfers in den Psalmen**. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2008.
- BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. 7.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **O ser humano em busca de identidade: Contribuições para uma antropologia teológica**. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2005.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Panorama da Dogmática Cristã**. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2010.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Sabedorias da Fé num mundo confuso**. São Leopoldo: Sinodal, 2014.
- BULTMANN, Rudolf. **Der zweite Brief an die Korinther** [Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament]. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1976.
- BUSSIE, Jacqueline A. A esperança de Lutero para o mundo. Discurso cristão responsável hoje. In: Christine Helmer (ed.) **Lutero: Um teólogo para tempos modernos**. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 131-148.
- COMBLIN, José. **Segunda Epístola aos Coríntios**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Imprensa Metodista; São Leopoldo: Sinodal, 1991.
- DUNN, James D.G. **The Theology of Paul the Apostle**. Edinburgh: T&T Clark, 1998.
- FURNISH, Victor Paul. **2nd Corinthians – Commentaries** [The Anchor Bible, vol. 32a], New York: Doubleday & Company, 1984.
- HÄGGLUND, Bengt. Luthers Antropologie. In: Helmar Junghans (Hrsg.) **Leben und Werk Martin Luthers von 1526 bis 1546**. Festgabe zu seinem 500. Geburtstag. Band I. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1983, p. 63-76.
- HOFIUS, Otfried. **Paulusstudien** [Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament, Bd 51] Tübingen: Mohr, 1989.
- KAISER, Otto. **Der Gott des Alten Testaments**. Wesen und Wirken. Theologie des Alten Testaments Bd.2. Jahwe, der Gott Israels. Schöpfer der Welt und des Menschen, Göttingen, 1998.
- KEEL, O; SCHROER, S. **Schöpfung: biblische Theologien im Kontext altorientalischer Religionen**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.
- KLAUCK, Hans-Josef. **2. Korintherbrief** [Die Neue Echter Bibel: Kommentar zum Neuen Testament]. Würzburg: Echter, 1988.
- KRUHÖFFER, Gerald. **Der Mensch – das Bild Gottes**. Biblische-theologische Schwerpunkte Band 16. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1999.
- KRUSE, Colin. **II Coríntios**. Introdução e Comentário [Série Cultura Bíblica]. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1994.
- LUTERO, Martinho. Prefácio à Segunda Epístola aos Coríntios. In: Martinho Lutero. **Obras Seleccionadas. Vol. 8**. Interpretação Bíblica - Princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 143-144.
- MARTIN, Ralph P. **2 Corinthians** [Word Biblical Commentary, vol. 40], Waco: Word Books, 1986.
- NIEBUHR, Karl-Wilhelm. **Die Korintherbriefe**. In: K.-W. Niebuhr (Hrsg.) Grundinformation Neues Testament: Eine Biblekundlich-theologische Einführung [UTB 2108]. 3. Aufl. Göttingen, 2008.
- RAD, Gerhard von. Das theologische Problem des alttestamentlichen Schöpfungsglaubens. In: Gerhard von Rada. **Gesammelte Studien zum Alten Testament**, TB 8, München, ²1958, p. 136-147.
- SCHNELLE, Udo. **Einleitung in das Neue Testament**. 6. Aufl. [UTB 1830] Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.
- SCHNELLE, Udo. **Theologie des Neuen Testament**. [UTB 2917] Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.
- TURNER, David L. **Paul and the ministry of reconciliation in 2 Co 5:11-6:2**. Criswell Theological Review 4.1 (1989), 1989, 77-95.
- VATTIMO, Gianni. **Depois da Cristandade: por um cristianismo não religioso**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.
- WALTER, Nikolaus. Alttestamentliche Bezüge in christologischen Ausführungen des Paulus. In: Udo Schnelle (Hrsg.) **Paulinische Christologie: exegetischer Beiträge**. Hans Hübner zum 70. Geburtstag. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000, p. 246-271.
- WANKE, Roger Marcel. “Adão, onde estás?” – A Interpretação de Gênesis 3.8-15 em Lutero. In: Claus Schwambach; Christopher Spehr (Orgs.) **Reforma e Bíblia** [3º Simpósio Internacional de Lutero]. São Bento do Sul: União Cristã; FLT, 2015 [no prelo].

WANKE, Roger Marcel. Antropologia em Lutero a partir da Preleção de Gênesis. In: Paulo W. Buss (ed.) **Lutero e a Antropologia: Potencialidades e Limites** [6º Simpósio Internacional de Lutero] São Leopoldo: Concórdia, 2016 [ainda não publicado].

WANKE, Roger Marcel. **Praesentia Dei**. Die Vorstellungen von der Gegenwart Gottes im Hiobbuch. BZAW 421. De Gruyter: Berlin; Boston, 2013.

WANKE, Roger Marcel. Text, Context and Tradition: Implication for reading Matthew. In: Craig Koester; Kenneth Mtata (ed.) **To All the Nations: Lutheran Hermeneutics and the Gospel of Matthew**. LWF Documentation, 2015 [no prelo].

WATKINS, Nathalia; PAULI, Paula. O Mausoléu da Paz. **Revista VEJA**, edição 2442, Ano 48, nº 36 [09 de setembro]. São Paulo: Editora Abril, 2015, p. 68-75.

WATSON, Philip S. **Um Gottes Gottheit** – „Let God be God“. Eine Einführung in Luthers Theologie. 2. Aufl. Berlin: Lutherisches Verlagshaus, 1967.

WESTPHAL, Euler Renato. A Pós-modernidade e as verdades universais: a desconstrução dos vínculos e a descoberta da alteridade. In: Nadja de Carvalho Lama e Taiza Mara Rauhen (Orgs.). **(Pro)Posições Culturais**. Joinville: UNIVILLE, 2010, p. 11-31.

WESTPHAL, Euler Renato. **Bioética** [Série: Para Entender]. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

WESTPHAL, Euler Renato. **Ciência e Bioética: Um olhar Teológico**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

WESTPHAL, Euler Renato. **O Oitavo Dia: na era da seleção artificial**. São Bento do Sul: União Cristã, 2004.

WOLFF, Christian. **Der zweite Brief des Paulus an die Korinther** [Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament]. Berlin: Evangelische Verlaganstalt, 1989.